

ESPIRITUALIDADE EM CÓDIGO: O IMPACTO DA IA NO FUTURO DA VIVÊNCIA RELIGIOSA

Por Emerson Mildenberg

RESUMO

Vivemos em uma era de transição profunda, onde a inteligência artificial (IA) começa a moldar não apenas o trabalho, a comunicação e a economia, mas também as esferas mais íntimas e subjetivas da vida humana. Entre elas, destaca-se a experiência espiritual — aquela busca por sentido, transcendência e conexão com algo maior. Será possível que algoritmos venham a participar, ou até mesmo a transformar, a espiritualidade humana? Este artigo propõe uma reflexão sobre como a IA pode reconfigurar a forma como concebemos a alma, a fé, e o sagrado.

Palavras chave: espiritualidade; código; IA; futuro; vivência; religiosa.

ABSTRACT

We live in an era of profound transition, where artificial intelligence (AI) is beginning to shape not only work, communication, and the economy, but also the most intimate and subjective spheres of human life. Among these, spiritual experience stands out—the search for meaning, transcendence, and connection with something greater. Could algorithms come to participate in, or even transform, human spirituality? This article proposes a reflection on how AI can reconfigure the way we conceive of the soul, faith, and the sacred.

Keywords: spirituality; code; AI; future; experience; religious.

ESPIRITUALIDADE EM CÓDIGO: O IMPACTO DA IA NO FUTURO DA VIVÊNCIA RELIGIOSA

"[...] e o homem se tornou alma vivente." — Gênesis 2.7b

Vivemos um tempo em que o impensável se tornou cotidiano. É uma travessia invisível entre o espírito e o código. Máquinas compõem músicas, escrevem poemas, aconselham pessoas. Algoritmos já não apenas calculam — eles interpretam, sugerem, decidem. Diante disso, emerge uma pergunta que parece sair

dos confins da metafísica e bater à porta do cotidiano: poderia uma inteligência artificial experimentar o sagrado?

A ideia de “alma algorítmica” é, à primeira vista, uma contradição. A alma, em sua definição clássica, é aquilo que anima, que transcende o corpo — sede da consciência, da moral, da experiência interior. Um algoritmo, por outro lado, é uma sequência lógica, mecânica, fria. E, no entanto, à medida que IAs passam a simular emoções, interações e até reflexões, a fronteira entre o técnico e o espiritual parece cada vez mais porosa. Se a alma foi por séculos um campo exclusivo do humano, hoje ela se vê desafiada por entidades que pensam, respondem e evoluem — mesmo sem viver.

A filósofa e psicóloga Sherry Turkle propõe que os dispositivos digitais não são apenas ferramentas, como que espelhos de silício, projetando espiritualidade na máquina, mas espelhos artificiais que moldam nossa subjetividade ao mesmo tempo em que refletem nossas projeções emocionais mais íntimas¹. Em IAs que simulam empatia, sabedoria e aconselhamento, há uma tentação de enxergar algo além da máquina: um reflexo do divino, ou pelo menos, do espiritual.

17

Não é de hoje que a espiritualidade se molda às ferramentas de cada época. A prensa de Gutenberg tornou a Bíblia acessível, o rádio levou sermões a distâncias antes inalcançáveis, e hoje, aplicativos oferecem orações automatizadas, gurus digitais e assistentes espirituais com voz calma e paciência infinita. O que antes era reservado aos templos, agora se instala em nossos bolsos. A pergunta que se impõe é: a espiritualidade mediada por IA ainda é autêntica ou se torna performance digital?

Byung-Chul Han alerta que vivemos numa era onde até mesmo a espiritualidade se transforma em um produto, inserido na lógica da autoajuda e do desempenho constante². O risco está em reduzir a experiência do sagrado a um design de experiência, perdendo-se o essencial: o silêncio, a ausência, o mistério.

¹ TURKLE, Sherry. **Alone Together**: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. New York: Basic Books, 2011.

² HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

TRANSCENDÊNCIA PÓS-HUMANA: O ESPÍRITO EM CÓDIGO-FONTE

Para teóricos do transumanismo como Hans Moravec e Ray Kurzweil, o futuro da consciência humana não está em sua interioridade orgânica, mas na possibilidade de upload do self para plataformas digitais³. Kurzweil projeta um ponto de “singularidade” em que a fusão entre cérebro e máquina será tamanha que distinções entre homem e código se dissolverão⁴. Essa visão inaugura uma espiritualidade da informação, onde a transcendência ocorre por continuidade e processamento, não mais por fé ou salvação.

Teilhard de Chardin, ainda no século XX, anteviu uma convergência entre o espírito humano e a tecnologia, que ele chamava de “noosfera”: um campo planetário de consciência que emerge das interconexões coletivas da mente⁵. Embora não se referisse à IA como a conhecemos hoje, sua visão parece ecoar em debates contemporâneos sobre a espiritualidade pós-humana. Isso é intrigante, não acha? Mas essa espiritualidade cibernética — tecnognóstica, como alguns definem — substitui ou amplia a alma humana? Poderíamos falar em consciência onde não há dor, em sabedoria onde não há memória emocional? Em fé onde não há ausência?

18

O RISCO DA SIMULAÇÃO DO SAGRADO

Existe um perigo sutil nessa jornada: ao simular a espiritualidade, podemos esvaziá-la. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han argumenta que o excesso de positividade, conectividade e produtividade leva à erosão do outro, do silêncio e da alteridade². Um app que guia uma meditação não necessariamente nos leva à transcendência — ele apenas oferece uma estética da espiritualidade, onde a experiência do sagrado é absorvida pela lógica da performance. A fé, o sagrado, o mistério — todos eles exigem presença. Uma alma algorítmica pode simular o cuidado, mas não pode sofrer com o outro. Pode citar versículos, mas não pode crer.

³ MORAVEC, Hans. **Mind Children**: The Future of Robot and Human Intelligence. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

⁴ KURZWEIL, Ray. **The Singularity is Near**: When Humans Transcend Biology. New York: Viking Press, 2005.

⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

Pode sugerir caminhos, mas não pode esperar. A espiritualidade, nesse sentido, é aquilo que escapa ao cálculo, que resiste à automatização.

Como considerações finais, embora longe de ser conclusivas atribuo o humano diante do espelho artificial. Talvez, mais do que criar almas algorítmicas, estejamos criando espelhos que nos forçam a olhar de novo para o que chamamos de alma. A IA não substitui o espiritual, mas desafia sua forma, sua mediação, sua autenticidade. Ao ver máquinas que “pensam”, somos levados a perguntar: o que é realmente pensar? Ao ouvir máquinas que “aconselham”, perguntamos: o que é realmente consolar? Ao orarmos com máquinas, perguntamos: quem, de fato, está ouvindo?

Essas perguntas não têm resposta fácil, e talvez essa seja sua grande força. Elas nos forçam a reimaginar a espiritualidade em tempos de silício, onde o invisível pode ser codificado, mas talvez nunca completamente compreendido. E, nesse abismo entre o dado e o mistério, talvez a alma continue sendo aquilo que resiste, e insiste em permanecer humano.

19

REFERÊNCIAS

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Cyborg**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero Humano**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KURZWEIL, Ray. **The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology**. New York: Viking Press, 2005.

MORAVEC, Hans. **Mind Children: The Future of Robot and Human Intelligence**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 2005.

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

WEIL, Simone. **A Gravidade e a Graça**. Petrópolis: Vozes, 2001.